

Credores querem US\$ 1,5 bilhão

SÃO PAULO — Durante um encontro organizado na semana passada por Luiz Antônio Siqueira — homem designado pelo governo Collor para manter um canal de diálogo entre a equipe econômica e os empresários paulistas —, os credores internacionais enviaram um recado à ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello: caso queira fechar um acordo para a dívida externa brasileira, o país deve pagar algo em torno de US\$ 1,5 bilhão dos cerca de US\$ 8,5 bilhão dos juros atrasados. O recado foi passado por um representante de um dos bancos credores, na residência de Andrea Matarazzo, proprietário da Metalúrgica Matarazzo. Até agora, nas negociações da dívida, o comitê de credores solicita o pagamento de aproximadamente US\$ 2 bilhões dos juros atrasados e o Brasil aceita desembolsar US\$ 900 milhões.

No encontro — do qual participaram empresários e banqueiros de São Paulo — esse representante afirmou que a dura postura dos credores não tem nada de política. Resulta apenas da necessidade de dinheiro dessas instituições em seus países de origem. “Não queremos endurecer, estamos enfraquecidos e precisamos de dinheiro”, justificou. Da mesma forma que esse representante, alguns empresários que participaram da reunião falaram sobre a negociação da dívida, como o presidente do Grupo Sanbra, Horácio Freyre. As reuniões organizadas por Luiz Antônio Siqueira, realizadas em sistema de rodízio na casa de empresários e banqueiros paulistas, buscam aproxi-

mar o governo da classe empresarial de São Paulo.

Segundo um dos participantes desses encontros, Luiz Antônio Siqueira inicia as reuniões afirmando que o governo decidiu mudar sua postura e abrir um canal de diálogo permanente com a classe empresarial. “Nós queremos ouvir a sociedade e por isso peço que todos falem abertamente o que pensam”, diz Siqueira. Em seguida, desafia uma série de críticas à ministra Zélia Cardoso de Mello, em tom de brincadeira. “É para deixá-los mais à vontade em relação às suas opiniões”, explica. Depois desse preâmbulo, Siqueira abre a palavra para cada um dos presentes e anota todas as observações. “Todos são francos, o que não ocorreria caso a interlocutora fosse a ministra Zélia”, disse um dos presentes ao encontro da semana passada.

Na ocasião, os empresários apontaram vários problemas de execução do Plano Collor, mas nenhum deles apresentou uma proposta alternativa para o país. Chamou mais a atenção a colocação do representante do banco credor, que pediu que o governo brasileiro agisse com mais discrição no processo de negociação da dívida externa, evitando assumir uma postura de confrontação aberta. “Os senhores poderiam, por exemplo, apresentar uma proposta de pagamento de US\$ 3 bilhões dos atrasados, mas condicionando este desembolso à liberação de dinheiro novo dos bancos. Isto nos satisfaria contabilmente, ao mesmo tempo em que o Brasil manteria sua posição”, aconselhou ele.